

FOLHA DE S.PAULO

Estimular a cadeia de ciência e tecnologia

Marcos Cintra – 24/03/2017

A recessão econômica impôs um ajuste fiscal com reflexos em diversas áreas, inclusive nos investimentos em ciência, tecnologia e inovação do país. Um dos efeitos mais evidentes foi a diminuição severa das ações de internacionalização da pesquisa brasileira.

Esse encolhimento foi materializado nos cortes efetuados nos orçamentos de ações como o Ciência Sem Fronteiras e nas restrições orçamentárias que retraíram os investimentos no exterior das instituições de pesquisa e das empresas brasileiras.

Num cenário de escassez de investimentos, aumenta o desafio dos gestores públicos: é preciso recuperar a capacidade de execução subtraída com os cortes orçamentários, fazer mais com menos.

Para usar uma palavra de efeito, é preciso "inovar" na proposição de programas e ações que possam dar continuidade à trajetória da pesquisa brasileira, que já vem de longa data e hoje é reconhecida pelo mundo nas áreas da física, agronomia e saúde, por exemplo.

As empresas precisam contar com o apoio governamental para competirem em áreas intensivas em tecnologia de ponta -como na aviação, cadeia de petróleo & gás, na indústria do software e desenvolvimento de fontes de energias renováveis.

A atuação do Brasil nas cadeias de ciência, tecnologia e inovação não é resultado de iniciativas voluntaristas e pontuais. Precisamos coordenar os esforços públicos e privados, e cabe ao Estado prover instrumentos para estimular estratégias de atuação global.

Governos do mundo todo fazem isso de forma consistente, especialmente os Estados Unidos, a China e as principais nações da Europa. Todos realizam investimentos bilionários e implementam ações que incluem a redução da burocracia e a ampliação das formas de apoio.

No plano institucional, os agentes governamentais precisam intensificar a celebração de acordos de cooperação que incluam investimentos bilaterais e a promoção do intercâmbio.

Em oposição à "fuga de cérebros", que ameaça a continuidade das pesquisas no país, é necessário criar a "circulação de cérebros", atraindo cientistas estrangeiros para cooperarem com os grupos de pesquisa nacionais e apoiando a permanência de nossos pesquisadores notórios.

É urgente também estabelecer novos rumos no relacionamento financeiro com o exterior, reinserindo o Brasil nos fluxos de crédito e financiamentos internacionais.

A celebração de captações com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e outras instituições bilaterais é uma clara demonstração de como o governo pretende

potencializar todos os instrumentos disponíveis para alavancar seu crescimento econômico, além de um evidente sinal de confiança internacional.

Também são essenciais as relações diplomáticas, lideradas pelo Itamaraty e apoiadas por diversos ministérios e agências públicas, para abrir novos canais e impulsionar a inserção das inovações brasileiras nos mercados internacionais.

Essa construção não ocorre da noite para o dia. Para entender o tamanho do desafio, basta considerar a complexidade da diplomacia internacional, as barreiras técnicas e sanitárias e os intensos debates que ocorrem nos encontros da Organização Mundial do Comércio, no Fórum Econômico Mundial e em outras reuniões estratégicas.

Aos poucos, o país encontra novos meios para fortalecer a sua inserção no plano global. Os investimentos públicos em ciência, tecnologia e inovação são essenciais para apoiar a competição, que muitas vezes ocorre em território hostil.

Com ou sem restrições orçamentárias, a evolução das políticas públicas e das medidas de incentivo à internacionalização entraram na ordem do dia para dinamizar a economia e atrair divisas.

MARCOS CINTRA é doutor em economia pela Universidade de Harvard e professor titular de economia na FGV – Fundação Getúlio Vargas. Foi deputado federal (1999-2003, eleito pelo PL) e é autor do projeto do Imposto Único. É presidente da Finep.